

Scalabrini e a Meditação

“Na oração está a armadura dos fortes. Fixai, portanto, a cada dia, um tempo para a meditação e não vos deixeis enganar. É justo que façais tudo para todos, mas lembrai-vos da Escada de Jacó: os anjos sobem a Deus antes de descer sobre os homens. Reproduzi em vós esta 014_m figurativa” (Sínodo I, pg. 228-229).

100 anos depois: 1905 – 2005

**Beato João Batista Scalabrini
Bispo e Fundador**



“Scalabrini e a Meditação”

“Na oração está a armadura dos fortes. Fixai, portanto, a cada dia, um tempo para a meditação e não vos deixeis enganar. É justo que façais tudo para todos, mas lembrai-vos da Escada de Jacó: os anjos sobem a Deus antes de descer sobre os homens. Reproduzi em vós esta 014_m figurativa” (Sínodo I, pg. 228-229).

O objetivo deste folder é procurar compreender o que Scalabrini entendia por “meditação”. Sabe-se, de fato, que na espiritualidade scalabriniana a meditação é um elemento fundamental, mas qual seja a sua natureza não parece até agora ter sido esclarecido plenamente. No livro “Espiritualidade da Encarnação”, de Francesconi (pg. 41-46), fala-se da importância atribuída por Scalabrini à meditação, da sua necessidade para a vida sacerdotal, dos efeitos produzidos por ela, mas não se fala da sua “natureza” (ou o que se fala não fica bem esclarecido).

Mas o que é a meditação para Scalabrini? Contemplação pura ou é reflexão amorosa sobre a verdade aplicada à vida?

O conteúdo deste folder propõe-se a responder a esta interrogação e será assim dividido: após propor novamente a prática e a normativa de Scalabrini sobre a meditação, vamos procurar observá-la na sua verdade efetiva e por assim dizer, na sua fenomenologia. Enfim, faremos a antologia, no seu contexto, de dois trechos célebres do Sínodo III, sobre a meditação.

Scalabrini e a prática pessoal da meditação

O Secretário de Scalabrini, Monsenhor Mangot, nos Atos do Processo Diocesano para a Beatificação (1936-1941), testemunhou que Scalabrini, antes da Missa, “todas as manhãs, fazia a meditação, prolongando-a, se o tempo lhe permitisse”, e o seu mestre

de cerimônia, ainda mais preciso, disse que “Scalabrini, todos os dias, fazia uma hora de meditação e quando alguma coisa o impedia, nunca o fazia por menos de meia hora”.

Um arquipresbítero declarou ter visto nas mãos do Servo de Deus um livro de breves meditações e que ele havia exclamado: - “Vês? Na sagrada visita sirvo-me destas breves meditações, devido ao pouco tempo que tenho disponível”.

O Padre Preti, que era um dos sacerdotes missionários que preparava as visitas pastorais, testemunhou que Scalabrini “nunca deixava de cumprir as práticas de piedade nos dias de muito trabalho e fadiga. Ele se afastava, como aconteceu um dia em Gogno S. Savino, onde o encontrei escondido na sacristia, recolhido em meditação, enquanto fervilhavam os preparativos das funções”.

E o seu primeiro biógrafo: “O servo de Deus me confidenciou que tinha feito o voto de fazer a cada dia meia hora de meditação. Aliás, me dizia que para ele meia hora não lhe bastava”. E eis aqui este “voto” (incluímos também as “promessas”, para que possamos entender o que isso tem a ver com a meditação):

“Prometo:

1. Meia hora de meditação diária, ou por ao menos 20 minutos. Nos dias de visita, de viagem ou de grandes festas, por ao menos 10 minutos. Comprometo-me sob pecado. Sem vínculo de voto, prometo:

2. Leitura espiritual diária.

3. Ao menos uma visita ao SS. Sacramento.

4. Recitação do Santo Rosário.

5. “Ângelus” de manhã, ao meio-dia, à tarde.

6. As orações da manhã e o exame de consciência à tarde e depois do “Ângelus”, ao meio-dia.

7. Renovar a intenção de fazer tudo para a glória de Deus, diante das ações principais, como a audiência, etc.

8. Orações da noite, exame, em seguida preparar o argumento (tema) da meditação (Exercícios espirituais, 24.8.1894).

Quero tornar familiar o uso das jaculatórias com freqüência,... com freqüência (28.8.93), me proponho à observância diária das práticas de piedade prometidas nos exercícios e o uso com freqüência das santas jaculatórias (23.2.1901).

“Renovo a obrigação da meditação; precisaria fazer por uma hora e seria pouco para um Bispo... Oh, as belas coisas ouvidas sobre ela... “Quem deixa a meditação ou lhe falta fé ou lhe falta cérebro!” (Propósitos, Agosto 1900).

Scalabrini e a normativa sobre meditação

Desde sua primeira carta pastoral dirigida ao Clero (em latim), ele o conclama à obrigação dos exercícios espirituais e da meditação. Esta união, como já foi demonstrado no folder Nº 1, ilustra que tanto a meditação como os exercícios espirituais – devem ser entendidos não só como experiência mística, mas também como revisão e programação de vida: “a oração deve ser o trabalho cotidiano dos sacerdotes. Com ela, devemos iniciar bem cedo o dia (...).

Nas “admonitiones” (=conselhos, preceitos) do Terceiro Sínodo (mas também nos outros dias), ele “adverte”: “Cultivai assiduamente a oração. Com ânimo puro e atenção viva façam por meia hora ao dia a oração mental (=meditação).



Seja, o quanto possível, a vossa primeira ocupação; de fato, é o eixo e o fundamento da vida sacerdotal; toda vez que lhe sejais fiéis esperai dela todo o bem”.

No encerramento de uma reunião de vigários forâneos ele admoesta: “Tudo isto, obtereis se sereis fiéis, constantemente fiéis à prática da cotidiana meditação. Ela é mãe da santidade (...)”. E note-se, aqui, como nas “admonitiones”, as motivações que a sustentam, e, isto é, o intrínseco valor de “eixo e fundamento” e “mãe da

santidade” sacerdotal!

Não menos insistente e decisivo, é com seus missionários: Na “Regra” de 1895, Capítulo VI, Exercícios de Piedade: “As práticas de piedade que todos devem observar e com máximo empenho, são: a) A meditação durante uma hora, contendo a leitura de um capítulo do Novo Testamento (...)”. E no Capítulo XIV – ‘Vida do Missionário na missão’: “Lembrem sempre: o Missionário que descuida da meditação e da oração, dificilmente poderá manter-se na graças de Deus”. Ao Padre Zabógllo, Vigário Geral (31.8.95): “Recomendo-lhe vivamente de introduzir as práticas de piedade, o quanto possível em comum, a meditação e a leitura espiritual, a visita ao Santíssimo Sacramento e o Santo Rosário. Comece, ali em Boston, se ainda não é prática comum. Ao chegarem os novos (sacerdotes com os votos), que tudo seja conforme as nossas Regras. É um ponto essencial”. E, quase ao mesmo tempo (21.09.95): “(..) Agora, gostaria de recomendar-lhe, com todas as forças, as práticas de piedade e especialmente a meditação em comum, segundo a Regra. Precisa insistir oportuna e importunamente, valer-se da autoridade se a exortação não for suficiente, mas fazer observar o quanto está prescrito a esse propósito. A meditação e os Exercícios anuais são o essencial para vida sacerdotal e precisa querê-los a todo custo. Você se tornará grande benemérito de nossa obra, se, com o auxílio de Deus, conseguir atingir esse santíssimo objetivo”. E, quase um “post scriptum” (23.09.95): “É, portanto, necessário que em Boston e em Nova York (que receberam os novos padres com os votos) se coloquem em prática as Regras e, sobretudo, aquelas que dizem respeito às práticas de piedade em comum, e, absolutamente, a meditação (...), de modo que os novos, recém-chegados, o quanto possível, continuem a ter na comunidade a mesma vida que levavam na Casa Mãe”. E, retornando de sua viagem à América do Norte o Padre Novati, Provincial, além das satisfações pelo bem que viu, nota também os graves defeitos que com a ajuda de Deus quer que “sejam eliminados de maneira que o Espírito de Deus reine em meio a nós”, e entre estes: “primeiramente precisa reconduzir em meio aos co-irmãos o espírito de piedade, impondo absolutamente que sejam observadas as Regras que dizem respeito às obras de religião (=piedade), à meditação, especialmente em comum, nas casas onde se encontram alguns padres e irmãos”. É verdade, como aparece nos propósitos, que o voto tem as suas condições e que também no chamado às Regras o “por quanto possível” nos venha a dizer que “ad impossibilia nemo tenetur” (ninguém é chamado a fazer o impossível): mas seria pouco scalabriniano fixar o termo do possível com a a medida do “minimum”, isto é, nos acomodando até aonde nós já chegamos, talvez ainda, jogando para baixo.

No Sínodo I (pg. 229), chama inclusive “insano” aquele zelo que se esgota em si mesmo no ajudar o próximo! Além disso, seria não ter entendido que quando se fala de meditação se trata de uma coisa muito importante “para viver na graça de Deus”.

A meditação é...

Para compreender a natureza da meditação, me parece muito importante esse fato narrado por Monsenhor Torta, no “Processo”: “O Servo de Deus mantém sempre o seu coração desapegado do dinheiro. A propósito, recordo que um dia me dizia que na meditação tinha percebido que o demônio tentava servir-se de um livro-caixa de 3000 liras, fruto de rendas episcopais, para induzi-lo a manter como primeiro fundo para aumentar as economias sucessivas. Para tirar qualquer perigo me chamou, me expôs aquilo que eu contei e entregando-me o próprio livro me ordenou de levá-lo ao Instituto das Surdas-Mudas”. Daqui se deduz que a meditação era também algo como uma revisão de vida: um ver o próprio dia à luz e ao calor de Deus. Mas, retomemos a citação do Sínodo II, lá, onde se fala da meditação como “a primeira ocupação do sacerdote, o eixo e o fundamento da vida pastoral”, para perceber em seguida, o que nos revela exatamente a natureza da meditação. Ele, de fato, continua dizendo: “Durante a meditação preveja as ocasiões de pecado para evitá-las; se proponha e pratique atos de virtude”. Está precisamente nesta sua natureza ascética e mística ao mesmo tempo, o valor incomparável da meditação scalabriniana, que se torna “a mãe da santidade”. Nas “admonitiones” do Sínodo III, diz: “As Constituições e os Decretos dos nossos Sínodos não os folheéis somente, mas deveis lê-los tão atentamente a ponto de levar-vos, com a meditação, a examinar se não erraram” (...). No Sínodo I, vindo a falar da meditação, citando São Gregório, disse: “os sacerdotes leiam e meditem todo o dia a Sagrada Escritura, para poder reconstruir mediante a admoestação da divina palavra aquilo que a vida de cada dia sempre destrói”. Meditação, como se vê, entendida também como atividade ascética. É quanto se pode concluir também desta norma das “Regras” dos missionários italianos de 1890: “Quando não for possível fazer a meditação devido às múltiplas ocupações, principalmente nos dias de festa, cada sacerdote aplicará a si mesmo aquilo que predicou aos outros”... E este outro testemunho: “Com relação ao pecado venial, recordo que nos primeiros tempos de seu Episcopado chamava a nós, seminaristas externos, no seu Oratório particular e nos fazia meditar. Então, inculcava, continuamente, que nos protegêssemos do pecado venial”. É quanto vem confirmado também nas Cartas aos Sacerdotes sobre os Exercícios Espirituais supracitados. A “meditação” matutina, de fato, tem, além de uma natureza mística também, algo de ascético: o sacerdote deve meditar “sobre as virtudes e as tarefas do próprio estado sacerdotal, os Mistérios da Religião, as tremendas e fascinantes verdades da outra vida e também sobre outras verdades correspondentes às situações particulares de cada um”, e tudo isto para poder “organizar, segundo a lei de Deus, um plano de vida reta e santa”. Os Exercícios Espirituais anuais são estruturados como uma meditação diária, de onde concluímos, então, mais uma vez, que a meditação não é vista só como uma experiência mística, mas também como uma revisão de vida e um “caminhar diante do Senhor”.

De resto, esta é também, em uma Pastoral de 1899, a natureza da oração, com a qual “o homem eleva e clarifica o entendimento (=inteligência), endireita e corrobora a vontade, multiplica as suas forças para superar todo obstáculo e vencer todo o perigo, adquire um maior conhecimento de Deus e de si mesmo”. Mas esta citação, é praticamente uma repetição daquela página de São Bernardo, trazida no Discurso III do Sínodo de 1889, que agora veremos e que nos dirá em termos ainda mais precisos a natureza da meditação scalabriniana.

“Eis a eficácia da meditação, para a retidão do coração e para a integridade da nossa vida espiritual. Da meditação brotarão riquezas incalculáveis, enquanto que, sem meditação será desolação sobre desolação e absoluta esterilidade de boas obras. Nunca

poderemos desenvolver dignamente os trabalhos do nosso ministério, se não o tivermos constantemente diante dos olhos e em assíduo e íntimo contato com Deus" (Sínodo 1899, Discurso III).

Antes de passar à antologia, damos, como exemplo, as notas escritas durante uma meditação (5.2.1893), que traçam também o percurso ideal: leitura do Evangelho – reflexão – aplicação moral: isto é, "luzes"; e oração: isto é, os "afetos": "Saiu o semeador para semear a sua semente" (Lc 8,5). É Jesus o divino agricultor, "sem mim vocês não podem fazer nada" (Jo. 15,5), e "é de Deus que vem a nossa capacidade" (2 Cor 3, 5) , que não cessa de lançar a semente da divina graça, com as luzes, com os afetos, etc. – Por que não frutifica? Porque o coração é aberto como uma estrada, "secus viam"; porque é duro como uma pedra, não amolecido pela oração, pela meditação: "super petram"; porque assediado pelas muitas solicitações: "iter spinas". Ó meu S. J. C. tenha piedade de mim, pobre pecador!".

Antologia

Scalabrini afirmou que a santidade sacerdotal, que consiste num coração reto, isto é, orientado a Deus, é mantida com a meditação (1). E aqui, cita um texto de São Bernardo, que nos ilumina sobre a natureza da meditação (2). O texto é extraído do "De consideratione", uma obra célebre que o grande Doutor endereça a um seu filho espiritual, um monge que se tornou Papa, que se encontra como que transtornado pelo novo gênero de trabalho. No primeiro livro, o Santo inculca a necessidade para todos os cristãos, mas em particular para o Papa, de considerar, isto é, de meditar continuamente sobre os deveres do próprio estado, e da necessidade, portanto, de um tempo para dedicar-se à meditação em meio a tantos compromissos. É exatamente deste livro, e principalmente do capítulo VII, que Scalabrini pega o trecho, que é todo um elogio à reflexão – meditação, como capaz de manter a retidão do coração, isto é, a santidade da vida. A meditação considera "quatro coisas: você mesmo, aquilo que está abaixo de você, aquilo que está em torno de você, e aquilo que está acima de você" - que são os temas dos quatro livros seguintes. É importante, portanto, não extrapolar a citação scalabriniana do próprio contexto se quisermos entender a natureza da meditação: a qual comportará sim afeto e um mergulhar-se em Deus, mas deverá também compreender uma dimensão ascética; isto é, deverá verificar e manter a conformidade à vontade de Deus, à "retidão do coração": a prática (exatamente como nos velhos livros de meditação, com os afetos e os propósitos!). No capítulo seguinte Bernardo dirá que a meditação inspira e nutre as virtudes cardeais, que são a base da vida moral.

São Bernardo, no início do capítulo citado por Scalabrini, clareia o terreno da objeção de que a piedade consiste exatamente na "reflexão-meditação", e o faz por meio da Escritura. Scalabrini, todavia, mesmo concordando, introduz no texto citado por São Bernardo um adendo significativo, quando ele diz: a meditação, "da qual nasce a oração": como para dizer-nos que a reflexão-meditação é só uma parte da oração. O "De Consideratione" vem ainda citado no Discurso III, e a sua presença é encontrada também em outro lugar: quer dizer que esta obra foi "mãe e nutriz" do pensamento scalabriniano.

... Afetos e propósitos, Scalabrini os tinha vivos, aliás, os "estimulava"!, com jaculatórias e exame de consciência, particular e geral, como se viu nos "Propósitos". E isto – diga-se de passagem – é aquilo que há de mais conforme com a moderna psicologia experimental, a qual afirma que vontade forte é só aquela motivada (não aquela exercitada), e que a motivação consiste na presença constante dos valores na mente de quem age:

1. Do piedoso rei Josias foi escrito: "Dirigiu o seu coração ao Senhor e em tempo de pecados reforçou a piedade". "Este santo rei, portanto, se dirigiu antes de tudo a Deus,

procurando-o na simplicidade de seu coração, e sentiu a coragem de restaurar a religião e a piedade no seu povo. Também o sacerdote oriente assim o próprio coração ao Senhor e o mantenha reto e íntegro diante dele, se quiser que as suas obras sejam fecundas. Mas o que significa, veneráveis irmãos, um coração reto? Um coração que busca unicamente a Deus, um coração simples, um coração puro, como suplicava o Salmo de Davi: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito reto”. Este coração reto é na verdade grande coisa, origem de todas as virtudes, fonte de santidade, raiz da vida sacerdotal (...).”

Esta retidão do coração para com Deus deve ser a primeira preocupação do sacerdote (...). Diz o sábio: “Guarda teu coração acima de todas as coisas, porque dele procede a vida” (Pr 4,23). É verdade. De fato, de onde vem o resfriamento do santo fervor, a inconstância na virtude, o difícil progresso no caminho da perfeição? Da fraqueza do coração. Por que, às vezes, as pedras do santuário são dispersas por todas as partes, e até mesmo os cedros do Líbano estão sujeitos a quedas catastróficas? Por um vício oculto no coração. Por isto, o sacerdote, como sábio arquiteto, coloque o fundamento do coração reto, isto é, orientado para Deus, para poder depois, edificar sobre ele.

Diz-se do sacerdote da Lei antiga (Esdra) “que se havia dedicado a estudar a Lei do Senhor a fim de praticar e ensinar a Israel a lei e o direito” (Esd 7, 10). E de todo homem justo diz-se: “O justo, de manhã cedo, dirige o coração ao Senhor, que o criou e reza diante do Altíssimo” (Eclo 39, 5). Eis o modo de criar um coração reto: meditar a lei de Deus, e conversar longamente com Ele na oração. Quem deseja conservar esta retidão de coração, aplique-se à oração (...). Compreendeis, portanto, veneráveis irmãos, a necessidade da oração.

2. Segundo São Bernardo, a reflexão ou meditação, da qual deriva a oração, oferece as seguintes vantagens: antes de tudo purifica a mente, isto é, a mesma fonte da qual se origina; depois regula as paixões, dirige as ações, corrige os excessos, regulamenta os costumes, torna a vida virtuosa e ordenada; enfim, busca conhecimento das coisas divinas e humanas. Perscruta as coisas secretas, intui as verdadeiras, submete a exame as verossímeis, tira a máscara das enganadoras e falsas. É ainda a meditação que programa a nossa atividade e reexamina uma atividade já realizada, para que nada de incorreto permaneça. Finalmente, é sempre a meditação que na prosperidade prepara-nos para as contrariedades, isto é prudência; e na contrariedade faz com que quase não a sintamos, e isto é fortaleza”.

A meditação Eucarística

Numa O14_m recorrente também em Scalabrini (por ex. Sínodo I, p. 228) aquela da meditação que tem acesso o fogo do amor. Outras O14_ns bonitas são aquelas da oração que “liberta” a alma e que a eleva para voar alta (Pastoral 1904). Recordamos, enfim, que o emblema episcopal de Scalabrini, a escada de Jacó, é símbolo da oração que penetra os céus como os anjos da Escada de Jacó (Sínodo I, p. 229). Aqui, no Sínodo todo dedicado à Eucaristia, o objeto da meditação sacerdotal é o mistério eucarístico, isto é, o amor de Jesus que no final de sua vida dá também o extremo do amor: “Convençei-vos, veneráveis irmãos, de que a caridade cresce e se nutre de meditação. “Na meditação, disse o Profeta, acende-me um fogo” e isto diga-se sobretudo da caridade do sacerdote: ele, como ministro de Deus, deve ser como um fogo flamejante: “Que fez dos seus ministros, chamas ardentes” (Hb 1,7); e o seu coração, como um altar, sobre o qual oferece um holocausto perene (Lv 6, 5). Vós todos o sabeis, a meditação diária deve fornecer



sempre novo alimento à vida sacerdotal, para que este fogo se conserve e se dilate.

Tornar-se-ão alimento à caridade as divinas perfeições de Cristo, os tesouros incalculáveis de sabedoria e ciência divina escondidos em Cristo, se os meditareis com devoção e assiduidade; outro alimento fornecerão os dons especiais e os privilégios oferecidos por Cristo ao sacerdote, e assim também as solenes promessas juradas no dia da consagração sacerdotal. E qual é esta promessa? Aquela de construir o edifício da vossa santidade para a glória de Cristo.

Para tal objetivo deveis imitar a sabedoria do bom arquiteto que não cessa de examinar e verificar a sua obra: e isto levaria à perfeição com a meditação. Construir uma santidade sacerdotal é com certeza uma tarefa corajosa e genial, mas não é realizável sem a ajuda da "Sabedoria que habita com a prudência e possui ciência e reflexão" (Pr 8, 18-21), virtudes estas que têm origem e coroamento na Sabedoria. Toda ajuda necessária para elevar perfeitamente o edifício da vossa santidade está a vossa disposição no sacramento da Eucaristia.

Ouvi como vos fala Cristo: "Comigo estão a riqueza e a honra, a prosperidade e a justiça. O meu fruto vale mais do que ouro puro, e a minha renda vale mais do que prata de lei. Eu caminho pela trilha da justiça, e ando pelas veredas do direito, para levar riquezas aos que me amam e encher os seus cofres" (Pr 8, 18-21).

A meditação que é o vosso segundo meio se concentre, sobretudo, sobre o Cristo Eucarístico, e nisso poderá vos sugerir bons argumentos de meditação os autores ascéticos, os artigos da Suma Teológica de São Tomás, e bonitos nomes que são atribuídos a Jesus nas litânias do seu Santíssimo Nome.

Convencei-vos que o coração do sacerdote, neste mundo não pode ter paz ou segurança, se não coloca em Cristo a sua felicidade: e sem felicidade, como bem disse São Tomás não se pode viver. É, portanto, na Eucaristia que o sacerdote encontrará como orientar o seu coração a Deus.

"A Eucaristia, feita objeto de meditação, acenderá no sacerdote a caridade de Cristo e atrairá o seu coração como um ímã; será o mel que brota da rocha e sacia o seu coração, e que inebria a alma com delícias tão abundantes que se difunde também nos fiéis" (ib).

*Livre tradução do folder "Venerabile G.B. Scalabrini Vescovo e Fondatore".